

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)	CÓDIGO DA FICHA					
	RJ	02	02	04	FC	06
	UF	BEM	LOC.	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

BEM INVENTARIADO	Jongo
LOCALIDADES	Quilombo São José da Serra
MUNICÍPIO / UF	Valença/ RJ

2. IDENTIFICAÇÃO DO MATERIAL PRODUZIDO EM CAMPO (ENTREVISTAS GRAVADAS, VÍDEOS, QUESTIONÁRIOS...)

GRAVAÇÕES SONORAS E VISUAIS	Zeferina do Nascimento. 1 cópia de videocassete (111 min.): son., color., VHS; NTSC, bom estado de conservação 1 fita cassete 60 min. Entrevista realizada em 25/11/01.	Já falecida Anexo 4, Registro 4
QUESTIONÁRIOS	RJ_02_02_04_Q40_003	

3. DESCRIÇÃO DO BEM EM SEU CONTEXTO

O jongo, chamado caxambu e tambu na Fazenda São José da Serra, foi responsável pela divulgação da comunidade no Município de Valença e em outras comunidades jongueiras. A comunidade ganhou apoio para sua luta pela posse da terra, entrou para a Rede de Memória do Jongo e recebe apoio da ONG Grupo Cultural Jongo da Serrinha, que a considera como uma “comunidade-irmã” (já que a precursora do jongo na Serrinha, Vovó Maria Joana, nasceu numa fazenda em Valença). Valença sediou o VI Encontro Nacional de Jongueiros em virtude da importância do jongo da Fazenda São José da Serra.

Zeferina era a mãe-de-santo da comunidade. Trabalhou na roça, era costureira e dona-de-casa. Aprendeu o jongo na própria Fazenda. Na época da entrevista, era ela quem tomava conta do tambu, isto é, era a guardiã dos tambores, hoje guardados por sua filha Teresinha. Dona Zeferina contou que os tambores são transmitidos como herança entre os jongueiros da Fazenda. Os tambores da Fazenda de São José da Serra, de tronco escavado a fogo, têm mais de cem anos, segundo Toninho Canecão.

Dona Zeferina tornou-se a “dona do tambu” em circunstâncias específicas, de acordo com seu relato. As migrações de moradores da Fazenda para São Paulo e outros lugares, somadas à morte dos jongueiros mais velhos, fizeram com que ela se tornasse a guardiã dos tambores e, por conseguinte, da dança, que apreciava desde a infância, ao contrário de seus irmãos mais velhos. Mãe Zeferina não tocava o tambu, apenas dançava e cantava os pontos.

Toninho Canecão quer reaver um tambor muito antigo que pertenceu à comunidade e que estaria em uma fazenda da região. As circunstâncias em que o tambor foi levado para aquele local não foram esclarecidas, mas Toninho não tem notícia do paradeiro do objeto desde a morte do proprietário.

Os dias festivos nos quais há roda de jongo são estipulados tradicionalmente. As rodas acontecem no dia 1º de maio, dia de São José dos Operários, no dia 13 de maio, em homenagem à Lei Áurea, e em outros dias santos: São João, Santo Antônio, etc. Atualmente, prepara-se uma comida e todos se reúnem na escola para formar a roda. Antigamente as festas eram realizadas nos quintais das casas. Toda a comunidade participa das rodas de jongo, a não ser aqueles que não têm mais disposição física para a festa e os convertidos às religiões evangélicas.

FICHA DE CAMPO (ADAPTAÇÃO / CNFCP)	RJ	02	02	04	FC	06
---	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------	-----------

Além da falecida Mãe Zeferina, outros conhecedores do tambu que têm, hoje, cerca de 80 anos, vivem ainda na Fazenda. É o caso de seu Manoel, tio de Toninho Canecão.

Foram documentados, na Fazenda, recentemente, tambores antropomorfos usados no caxambu (a base do tronco é esculpida representando um corpo humano da cintura para baixo). Tambores desse tipo, segundo Toninho Canecão, existiam também sob a guarda de um famoso jongueiro da região, Manuel Cambinda, que os teria confeccionado. Esse e outros jongueiros da região freqüentavam as rodas da fazenda, assim como os moradores da fazenda eram convidados para festas nas redondezas.

4. TÉCNICOS RESPONSÁVEIS

PESQUISADOR(ES)	Letícia Martins Dias		
SUPERVISOR	Elizabeth Travassos		
PREENCHIDO POR	Letícia Dias, Rita Gama e Elizabeth Travassos	DATA	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Letícia Vianna	19/04/2004	